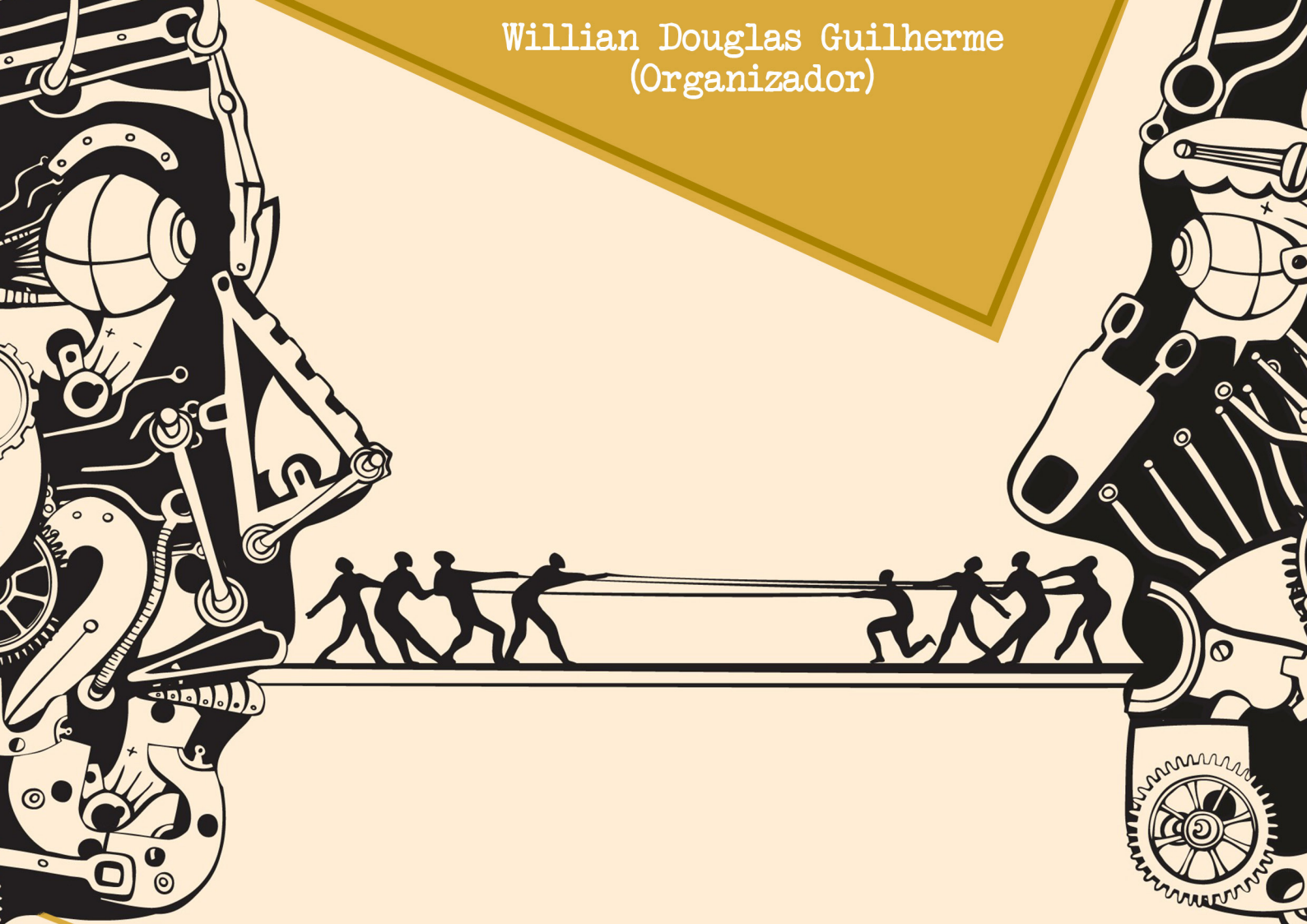


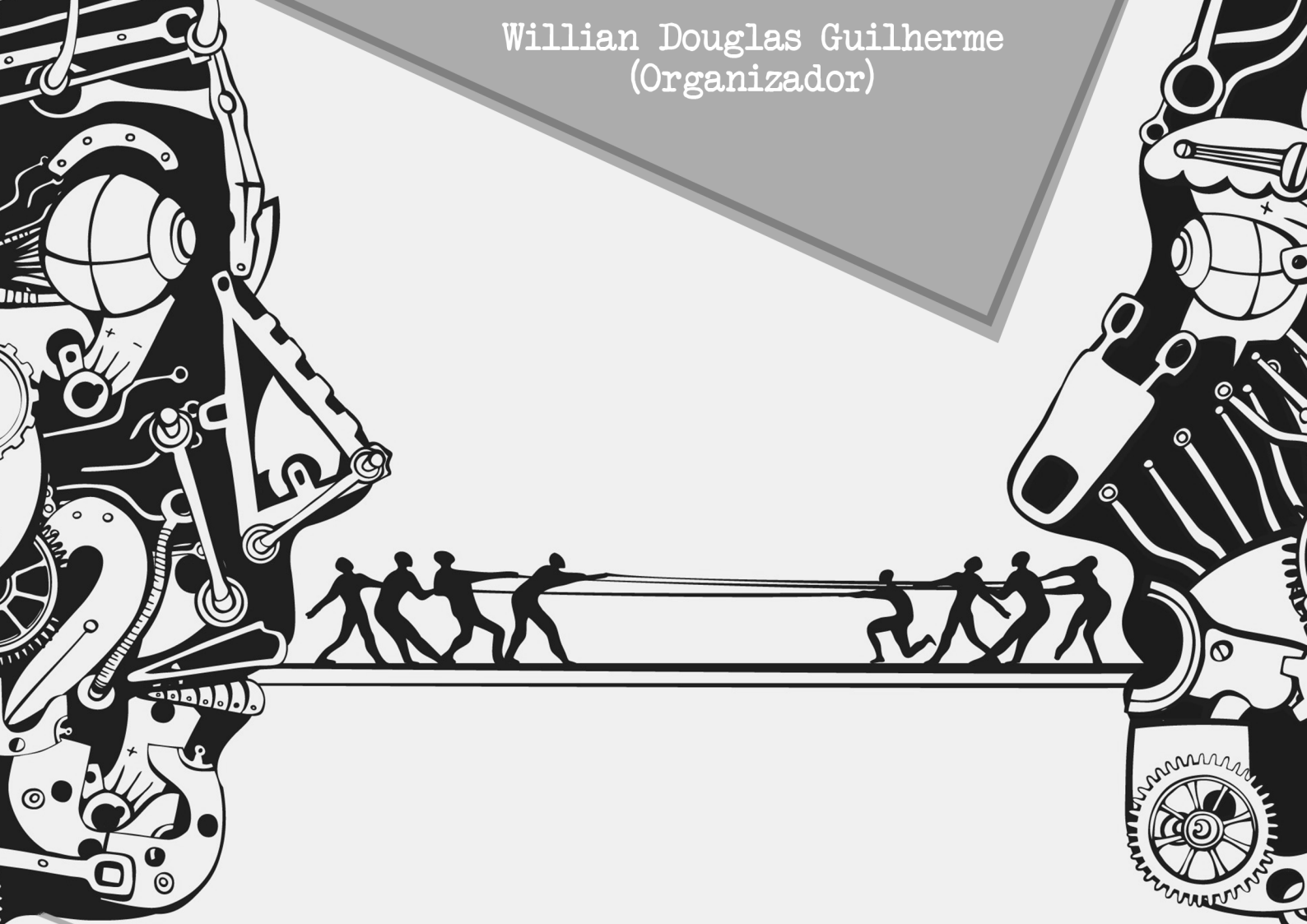
Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Filosofia: Aprender e Ensinar

Atena
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Filosofia: Aprender e Ensinar

 **Atena**
Editora
Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|---|
| F488 | Filosofia [recurso eletrônico] : aprender e ensinar / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-683-6 DOI 10.22533/at.ed.836190710 1. Filosofia. 2. Fenomenologia. 3. Indústria cultural. I. Guilherme, Willian Douglas. CDD 142.7 |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Filosofia: Aprender e Ensinar” reúne 13 artigos de pesquisadores de diversos estados brasileiros. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da filosofia aplicada a educação.

Deste modo, a obra traz um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis de ensino, sobretudo, assuntos relativos à interdisciplinaridade na filosofia, ensino de filosofia, filosofia e a educação infantil, práticas inclusivas, fenomenologia e indústria cultural.

Vale a penas visitar o índice e percorrer os 13 artigos que nos convidam a um debate crítico e saudável na prática da filosofia e/em/na educação.

Entregamos ao leitor a obra “Filosofia: Aprender e Ensinar” na intenção de divulgar o conhecimento científico e cooperar, por meio do conhecimento e prática filosófica, com a construção de uma educação cada vez melhor.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| DISPOSITIVO DO APRISIONAMENTO E O DISPOSITIVO DA INFÂNCIA | |
| Danyelen Pereira Lima | |
| DOI 10.22533/at.ed.8361907101 | |
| CAPÍTULO 2 | 11 |
| A INTERDISCIPLINARIDADE NA FILOSOFIA: COMO TRABALHAR A CIÊNCIA DA ASTRONOMIA COM A FILOSOFIA PARA AUXILIAR NA REFLEXÃO SOBRE O EU | |
| Carlos Alexandre do Nascimento | |
| DOI 10.22533/at.ed.8361907102 | |
| CAPÍTULO 3 | 22 |
| O ENSINO DE FILOSOFIA E O DES-COBRIMENTO DO OUTRO | |
| Gregory Rial | |
| DOI 10.22533/at.ed.8361907103 | |
| CAPÍTULO 4 | 34 |
| FILOSOFIA COM CRIANÇAS? AS ERRÂNCIAS DE UMA DISCIPLINA EXPERIÊNCIA | |
| Ana Paula da Rocha Silvares | |
| Edeny Gomes Furini | |
| Jair Miranda de Paiva | |
| DOI 10.22533/at.ed.8361907104 | |
| CAPÍTULO 5 | 47 |
| “FILOSOFIA COM CRIANÇAS”: POTENCIALIZANDO CURRÍCULOS E COTIDIANOS NAS ESCOLAS | |
| Cristiane Fatima Silveira | |
| Giovana Scareli | |
| DOI 10.22533/at.ed.8361907105 | |
| CAPÍTULO 6 | 63 |
| COM AS CRIANÇAS, O DELÍRIO DO VERBO: TECENDO DIÁLOGOS E POESIAS | |
| Ana Isabel Ferreira Magalhães | |
| Cristiana Callai de Souza | |
| DOI 10.22533/at.ed.8361907106 | |
| CAPÍTULO 7 | 77 |
| (DES)VELANDO E (RE)SIGNIFICANDO DE SENTIDOS PARA UMA EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA ATRAVÉS DA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR | |
| Ana Karyne Loureiro Furley | |
| Hiran Pinel | |
| Vera Lúcia de Oliveira | |
| Vitor Gomes | |
| DOI 10.22533/at.ed.8361907107 | |
| CAPÍTULO 8 | 88 |
| ATELIÊ DE ESCRILEITURAS CONATUS | |
| Josimara Wikboldt Schwantz | |
| Carla Gonçalves Rodrigues | |
| Ana Paula Freitas Margarites | |

DOI 10.22533/at.ed.8361907108

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 9 | 97 |
| FAVELA E ONG – PRÁTICAS PARA ALÉM DO MEDO E DA ESPERANÇA | |
| Renata Tavares da Silva Guimarães | |
| DOI 10.22533/at.ed.8361907109 | |
| CAPÍTULO 10 | 110 |
| A SUBJETIVIDADE COMANDADA E A JUSTIÇA INSTITUÍDA | |
| Márcia Bárbara Portella Belian | |
| DOI 10.22533/at.ed.83619071010 | |
| CAPÍTULO 11 | 122 |
| DEUS, JUSTIÇA E A LINGUAGEM DO AMOR ÉTICO EM EMMANUEL LÉVINAS E HERCULANO PIRES | |
| Rogério Luís da Rocha Seixas | |
| Edson Santos Pio Júnior | |
| DOI 10.22533/at.ed.83619071011 | |
| CAPÍTULO 12 | 132 |
| FENOMENOLOGIA DO ROSTO EM EMMANUEL LEVINAS | |
| Abimael Francisco do Nascimento | |
| DOI 10.22533/at.ed.83619071012 | |
| CAPÍTULO 13 | 143 |
| NOTAS PARA PENSAR A INDÚSTRIA CULTURAL NA ERA DIGITAL | |
| Deborah Christina Antunes | |
| DOI 10.22533/at.ed.83619071013 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR | 154 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 155 |

(DES)VELANDO E (RE)SIGNIFICANDO DE SENTIDOS PARA UMA EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA ATRAVÉS DA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR

Ana Karyne Loureiro Furley
PPGE/UFES- CAPES

Hiran Pinel
CE/PPGE-UFES-CAPES

Vera Lúcia de Oliveira
HUPE-UERJ

Vitor Gomes
CE/UFES

INTRODUÇÃO

Ali, entrei, ali olhei
Ali senti que me apaixonei
Ali, naqueles quartos
Com príncipes e princesas carecas
Ali naqueles leitos
Com meninas sendo mãe de bonecas[...]
Ali, na pediatria
Tem um reino mágico
De crianças com Leucemia
Tem batman, homem de ferro, homem
aranha
E princesa Sofia, tem até Dinossauro
Fazendo Quimioterapia
-Jeferson Feitosa Freitas ; in: Angerami
(2017)

É reducionismo compreender a
brinquedoteca apenas como espaço de

brinquedos, vai, além disso, perpassa uma sala colorida. O brincar possibilita o ato de aprender como continuidade a todo o momento na vida de um ser humano, esteja ele onde for, seja na sala de aula ou em um leito hospitalar. Cunha (2007) enfatiza que a brinquedoteca é um espaço que propicia o ato de brincar, mas que nem sempre é preciso ter brinquedos para que o brincar aconteça. É necessário a potencialização da ludicidade para uma fruição do imaginário livremente e para que o conhecimento seja construído de forma prazerosa. A brinquedoteca serve “acima de tudo, para fazer as crianças felizes; [...]” (pg. 14) através de seus espaços como canto da leitura, canto do faz-de-conta, mesa de atividades, sucatoteca, oficina, estantes com brinquedos, canto das invenções, teatrinho, acervo de jogos.

O ser humano desde bebê explora o mundo através da percepção de movimentos, descobertas de sons, cheiros, cores, e a partir disso usa espaços ao seu redor através de atividades exploratórias que proporcionam construção de conhecimento e no brincar é exatamente isso que acontece. O brincar, a brincadeira desenvolverão na criança as capacidades sociais, cognitivas, sensoriais, afetivas, psicomotoras facilitando a construção

do aprendizado seja em grupo ou individualmente de cada um (a). É necessário que brinquem e vivenciem em nível simbólico suas ideias para a compreensão das experiências vividas, e em tratamento/internação hospitalar é a melhor maneira para neutralizar os aspectos negativos da dor, e não apenas da criança mas também da família que a acompanha e” resgatar a ludicidade das famílias é uma das tarefas importantes da brinquedoteca “(CUNHA,2007, pg. 85).

Lovisaro (2011) destaca a importância de se trabalhar o aparelho psicomotor da criança para superar as dificuldades de aprendizagem, principalmente na fase da alfabetização para estruturar um campo perceptual, criar habilidades reflexivas de temporalidade. Além de exercitar o equilíbrio, a atenção, a percepção viso-motora, a coordenação global do corpo, noções de espaço, noções de equilíbrio e ritmo, reconhecer-se em seu corpo através da autoexpressão, concentrar-se através da respiração e relaxação. A psicomotricidade caminha lado a lado do brincar, o brincar caminha lado a lado da aprendizagem e conseqüentemente lado a lado do currículo escolar e muitas vezes nesses espaços de brincar denominados “brinquedotecas” funcionam as classes hospitalares.

Ao entrar em uma brinquedoteca a criança deve ser tocada pela magia das cores, dos brinquedos e partir daí construir conhecimentos. Em 21 de Março de 2005, sob a autoria de Luiza Erundina, foi sancionada a Lei nº 11.104 que delibera sobre a instalação de brinquedotecas em unidades de saúde que em regime de internação ofereçam atendimento pediátrico. Esse espaço tem como finalidade preparar a criança para enfrentar novas situações, no caso o tratamento hospitalar; proporcionar meios que ajudem a preservar a saúde emocional da criança; dar continuidade as etapas de desenvolvimento da criança através de estímulo; preparar a criança para voltar a sua rotina habitual e principalmente:

Proporcionar condições para que a família e as pessoas que vão visitar a criança se encontrem com ela em um ambiente favorável, que não deprima nem aumente a condição de vítima e que a criança se encontra: nada deprime e assusta mais uma criança do que ser tratada como coitadinha. Um brinquedo ou um jogo podem facilitar o relacionamento, tornando-o mais alegre (CUNHA, 2007, pg. 96).

Destacaremos nesse estudo a importância da brinquedoteca e do ato de brincar, a fim de possibilitar o ser-sendo-criança trilhar caminhos com novas possibilidades e sentir-se vivo, interligado ao mundo onde é reforçado na criança hospitalizada perda de sua identidade e a impossibilidade de ser-sendo-criança, e diante das deficiências causadas pela condição adoecer ou do próprio nascimento , a necessidade da cura do corpo é acentuada todo o momento causando conseqüências futuras no seu processo de aprendizado. Trazendo a lume a brinquedoteca, o brincar e a alegria em o paradoxo da temática no qual encontramos a dor, a doença e a morte tentaremos através da revisão dos resultados de discursão desvelar que o ambiente hospitalar através das práticas de profissionais que nele atuam.

METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento deste estudo foram refletidos e estruturados a partir das pesquisas produzidas na linha de pesquisa “Educação Especial e Processos Inclusivos” do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Estado do Espírito Santo, através do método fenomenológico existencial sustentados a priori em Pinel em “modos e ser junto ao outro no mundo” (PINEL apud PINEL, 2013; 2014) e diante da temática apresentada nessa pesquisa , a brinquedoteca e o brincar como potencializa(dores) na construção do conhecimento, destacamos:

A brinquedoteca por lidar com o ludens do ser humano, traz o clima de alegria para dentro de um lugar marcado pelo tempo e pela dor. Não se trata de uma imposição do lúdico, mas o lúdico presentificando-se até mesmo nas vicissitudes. [...] Observamos um lugar e um brinquedo e recordamos dos modos das pessoas e íntimos do paciente-estudante ter brincado, ele está lá, é um dos modos de ser sendo junto ao outro no mundo. (PINEL, 2015 apud PINEL 2002, pg. 12) .

Assim sendo, esse espaço é de grande valia tanto para a criança hospitalizada como para a equipe hospitalar. Através do brincar o brinquedista ou o pedagogo hospitalar deve coadjuvar em cena para que essa criança ou aluno hospitalizado, no caso na brinquedoteca hospitalar , possa se adaptar a sua nova realidade, não abandonando o mundo externo e suas demandas através de múltiplas aprendizagens e a criança. Sabe-se, através de leituras (TRUGILHO,2008; PINEL,2015; ANGERAMI,2017; GIMENES,2011; VIEGAS,2007; ACAMPORA,2015; FONSECA,2003; LINDQUIST,1993) que a criança hospitalizada e sua família passam por um processo de fragilização vivenciando esse período de hospitalização através de procedimentos dolorosos e invasivos, sendo privados da companhia de amigos e familiares, de uma rotina agradável causando uma ruptura e privação na vida desse paciente e de sua família. A saúde dessa criança não está relacionada apenas questões biológicas incluem cuidados sociais e emocionais durante esse fenômeno a-do-e-cer, ser dor doente por um período. E buscar a resiliência nessa fragilidade através de motivação e ressignificação de espaços, anseios, limitações entre a criança hospitalizada e todos em seu entorno dando continuidade ao processo de desenvolvimento e aprendizagem do mesmo, acelerando a recuperação da saúde e reduzindo o efeito traumático desse período hospitalar sem perder de vista a inclusão escolar através do resgate da autoestima, do otimismo.

RESULTADOS E DISCURSSÃO

Após a leitura e os estudos sobre a temática apresentada, buscou-se nos sistemas CAPES e IBICT estudos realizados no Programa de Pós Graduação de Educação da Universidade do Espírito Santo que evidenciasse o hospital e

seu grande enfrentamento, a dor, a perda, a luta pela vida e o envolvimento de profissionais nesse processo de cura, no período de 2008 a 2013. Localizamos apenas 1 (uma) tese do ano de 2008 intitulada : “ O ser sendo diante da morte: um estudo sobre a experiência de enfrentamento da morte por profissionais de saúde e suas aprendizagens”, tendo como autora Silva Moreira Trugilho e orientador Hiran Pinel.

Trugilho(2008) destacou em sua pesquisa os modos como os profissionais da saúde lidam com a morte do outro , enfatiza como esse processo constitui uma educação social especial através de “novas práticas educacionais e novos espaços de intervenção”(p.5) .Destaca a importância da intervenção psicopedagógica como fator de provocação de sentidos das relações sociais humanizadas e humanizadoras, através de uma narrativa de escuta empática e nesse processo de enfrentamento da dor.

Trugilho (2008) enumerou algumas questões, entre elas: “O espaço hospital na interface de uma educação social: reinvenções de práticas educacionais no enfrentamento da morte e do morrer” (p. 71). Salientando que a educação também ocorre em espaços não escolares e que a vida , o buscar sentido para a existência do ser perpassa as adversidades, pois a finitude da vida está presente e os enfrentamentos são possibilidades de superações e resiliências em nosso ser.”[...] a vida vivida, ela mesmo está impregnada da educação reduzindo e ou provocando sentido de existência humana [...] “(apud PINEL, 2006b,p.24).

Não obstante, a autora relata o depoimento de um colaborador de sua pesquisa :

Cada paciente é como se renovasse tudo e eu fico assim: “Não, esse aí vai dar certo; vamos investir”. Eu fico depositando tudo, todas as esperanças, investindo e quando é para transplante, corro atrás do transplante; e quando as coisas não dão certo... Nossa! É uma porrada! Eu fico: ”Puxa vida, fiz de tudo e não deu certo?!” É uma decepção. É ruim. [...] (TRUGILHO, 2008, p. 110)

A busca pela melhora , por uma continuidade de vida , por métodos que possam aliviar a dor é discutida no livro: “A criança no hospital : terapia pelo brinquedo”(LINDQUIST, 1993). A autora em 1956 dá início em um hospital na Suécia a terapia através do brinquedo no departamento de pediatria com crianças diabéticas, deficientes, asmáticas e vítimas de moléstias. “Aqui a equipe pode preparar as crianças ,brincando e mostrando-lhes antes o que vai acontecer durante as diferentes intervenções “(FRIEDMANN, 1998). Esse espaço facilitava uma realidade sem choques, até mesmo o lidar com a morte de um amigo, de um outro paciente que rotineiramente estava no processo de interação nesse ambiente lúdico ,além de positivamente ter colaborado para a superação da doença em si , como facilitador do tratamento pelo simples desejo de estar alí, em um espaço de alegria , desejo de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da premissa que o sujeito é um ser no mundo lançado a sua própria existência, enfatizamos a importância da brinquedoteca hospitalar nesse enfrentamento de vida que é o ado(r) - e- ser . Buscamos demonstrar que é de suma importância esse espaço, garantido por lei, para o (des)velamento das percepções , de (re)significação de sentidos trazendo a lume possibilidades e impossibilidades de se(r)ndo criança. Através de uma perspectiva de acesso ao direito de brincar e similarmente nos modos de existência da criança no período de internação hospitalar serão (re)significados através dos benefícios que a brincadeira proporciona . Necessidades educacionais especiais sejam físicas, intelectuais, situação de internações hospitalares, e outras em sua existência pode restringi-lo de estar possibilitado de suas totais capacidades. Dentro dessa perspectiva cabe ressaltar o brincar como oportunidade de desenvolvimento de capacidades sensoriais, psicomotoras, cognitivas, sociais e afetivas, no qual o ato de brincar tem papel de suma importância nesse processo de enfrentamentos e super (ações) desse educando que é um ser –lançado em sua própria existência, existência essa que em mesmo que em alguns momentos apenas tem o encantamento de um mundo imaginário donde todos os profissionais buscam intervir para que essa criança possa voltar a sua rotina diária e o retorno a classe escolar formal.

A implementação de brinquedotecas hospitalares mesmo que sancionada por lei, é algo que não está totalmente concretizada no País, seja por falta de espaços adequados, ou por falta de profissionais capacitados para desenvolverem projetos que garantam o direito ao brincar e a estimulação dos sentidos através da ludicidade para às crianças e adolescentes em período de internação. Além do mais, são poucas as pesquisas nessa temática, principalmente no que tange a inclusão de fato, que a meu ver, nada mais é que a qualidade de vida na infância para todas as crianças. Em um ambiente hospitalar, a brinquedoteca hospitalar com sua ludicidade tem a finalidade de desenvolver o processo de cognição, possibilitando a criança com necessidades educacionais especiais experimentar novas percepções através do brincar, proporcionando assim a conquista de uma resiliência de cura, autoconfiança e satisfação emocional por meio de elaboração de novas estruturas em experiência vivida como ser no mundo.

A educação especial é uma modalidade a qual e através de recursos pedagógicos e acessibilidade tem como objetivo atender alunos e alunas que apresentem dificuldades para o seu desenvolvimento cognitivo escolar. De acordo com a Lei nº 9394/96, Art. 58: “Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais”, podendo ser, entre elas, altas habilidades, transtornos globais do desenvolvimento, e deficiência física.

Em defesa dos direitos a igualdade, fundamentada em uma concepção de direitos humanos que conjuga como valores indissociáveis a diferença e a igualdade, a educação especial em um movimento mundial através de ações sociais, pedagógicas, políticas e culturais tem buscado a inclusão sem nenhum tipo de discriminação. Onde: "aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades, [...]" (Declaração de Salamanca, 1994).

A Educação Especial assume em uma sociedade contemporânea a necessidade de inclusão de fato, de superar as dificuldades enfrentadas no sistema de ensino e da superação da exclusão em ambiente escolar através de reconstruções estruturais escolares, de sistemas educacionais de ensino e classes especiais com a finalidade de atender os alunos e alunas em suas especificidades, possibilitando a formação de estudantes com vistas à independência e autonomia dentro e fora da escola para a eliminação de barreiras que se interpõem nos processos inclusivos. Ainda, no Art.58,§2º: "O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns do ensino regular". Partindo da premissa que o aluno/aluna, agora paciente hospitalizado e afastado da escola necessita de acompanhamento especializado para exercer seu papel de cidadão em direitos e a pedagogia hospitalar possibilitará o mesmo a dar continuidade em seu processo cognitivo através da brinquedoteca e de sua ludicidade.

Januzzi (2012) relata que por muito tempo as crianças foram agrupadas como normais e anormais enfatizando que: "A educação dos anormais começara com os médicos Jean Gaspard Itard e Edouard Séguin, se quer tomar a França como exemplo, pois lá está o endosso do discurso corrente em 1931, entre nós."(p.55). Seguindo um modelo francês de 1800, a partir de Vitor, uma criança abandonada nos bosques de Aveyron, que foi educada no Instituto Nacional dos Surdos-Mudos de Paris. No Brasil, em 1904, no Pavilhão de Bourneville, anexo ao hospício da Praia Vermelha, uma denúncia levou uma equipe médica para inspecionar o local e conseqüentemente foi encaminhado ao Ministério da Justiça um documento que não apenas exigia a reforma do espaço físico, mas como a atendimento dados aquelas pessoas, incluído jovens e adolescentes em idade escolar, visto que o "tratamento e educação dos pequenos infelizes, cujo estado mental poderia melhorar, se em outro local recebessem cuidados especiais" (p.32).Ainda: "Já era a percepção da importância da educação; era já o desafio trazido ao campo pedagógico, em sistematizar conhecimentos que fizessem dessas crianças participante de e alguma forma da vida do grupo social de então" (p.33).

A Educação Especial, como modalidade da educação escolar, deve ser organizada de modo a considerar uma aproximação da prática pedagógica social da educação inclusiva seguindo os seguintes dispositivos legais e políticos-filosóficos:

a Constituição Federal, cursos e principalmente da lei n 11.104/05, onde: “Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação” (VIEGAS, 2008, p.13) do qual o brincar e o brincar são instrumentos para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças em regime de internação ou de tratamento.

Aprender a ver as coisas é adquirir um certo estilo de visão, um novo uso do corpo próprio, é enriquecer e reorganizar o esquema corporal. Sistema de potências motoras ou de potências perceptivas, nosso corpo não é objeto para um “eu penso”: ele é um conjunto de significações vividas que caminha para seu equilíbrio. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 212).

Como pesquisadora, busco um novo olhar, para isso mudo a direção do meu corpo, assim posso enxergar para além do meu habitual. Meu olhar não é mais o mesmo diante do mundo e do outro, assim como o outro e o mundo não são mais como era há exatamente 1 minuto atrás, o reinventar-se se faz necessário diante da vida e das vicissitudes que ela apresenta.

Diante do exposto, este presente estudo, pode demonstrar caminhos possíveis aos pedagogos e profissionais responsáveis pelas brinquedotecas hospitalares à respeito da importância do brincar e da brincadeira em um processo de subjetividade do qual a criança é lançada a própria existência. E, levá-lo a sentir-se vivo interligado ao mundo através das relações sociais onde uns se preocupam com os outros. Resgatando a cidadania e a humanização da criança enferma em um ambiente onde, a perda da identidade de ser-sendo-criança é reforçada a todo o momento durante os procedimentos médicos executados e pelas próprias características arquitetônicas para o isolamento em uma percepção sentida, vivida, experienciada e corporificada do a-dor-é-ser.

Brinquedoteca hospitalar é uma brinquedoteca destinada a crianças em processo de internação, atendimento e tratamento hospitalar obrigatório através da Lei nº 11.104/2005, na qual:

Art. 1º Os hospitais que ofereçam atendimento pediátrico contarão, obrigatoriamente, com brinquedotecas nas suas dependências.

Parágrafo único. O disposto no caput deste artigo aplica-se a qualquer unidade de saúde que ofereça atendimento pediátrico em regime de internação.

Art. 2º Considera-se brinquedoteca, para os efeitos desta Lei, o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinado a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar (BRASIL, 2005).

E quando a criança estiver impossibilitada de ir até esse espaço, esse espaço vai até ela. Existem diversas formas, o profissional da brinquedoteca pode levar uma pasta catalogada com brinquedos para que ela possa escolher no caso de crianças com imunodeficiências, em leitos e UTI, nesse caso ficará com o brinquedo para ela, não retornando nem para a higienização, já que não será possível através nem

mesmo do hipoclorito fazem a limpeza.

A criança é o que nós acreditamos que ela é. Reflexo do que queremos que ela seja. Somente a história pode fazer-nos sentir até que ponto somos os criadores da mentalidade infantil. As relações de repressão com a criança, que acreditamos fundadas numa necessidade biológica, são na realidade expressão de certa concepção das intrasubjetividades (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 85). Destacamos aqui que fenomenologicamente quando uma criança brincar ela se expressa para além da linguagem formal, são seus gestos, suas expressões, seu corpo que fala através de um corpo em movimento do qual projetará o tempo, o passado vivido e o presente através da relação com o brinquedo e com a brincadeira. Através de um espaço seu (corpo) e do outro (eu-outro, eu-mundo) buscando uma sintonia que dê significado a sua existência e maneiras de se situar diante de um mundo que não é construído para a criança e sim a partir dela, buscando uma criação de si-própria, através de um eu-corporal para um eu-social a partir de uma intersubjetividade que é estabelecida através do contato com o outro.

As crianças com necessidades educacionais especiais no art. 30, inciso 5 da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência: “As crianças com deficiência devem ter igualdade de acesso à participação nas brincadeiras, recreação, lazer e atividades esportivas, inclusive nas escolas.” (BRASIL,2009). A partir das leituras em Merleau-Ponty selecionou-se para a presente pesquisa os conceitos de “percepção, corporeidade, experiência” e baseado nessa tríade buscaremos através de uma fenomenologia do brincar desvelar a subjetividade da criança com necessidades educacionais especiais através da relação da mesma com o brinquedo e a brincadeira em uma brinquedoteca hospitalar. Pois bem: “Em suma, para a criança, assim como para o adulto, a percepção implica, por um lado, uma relação entre as diferentes partes do corpo entre si e, por outro, uma relação com um mundo exterior” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.183).

Mas o que difere a criança do adulto, são as estruturas que a medida que a criança se desenvolve vão se desenvolvendo, como lacunas sendo preenchidas. A criança se fixa aos detalhes e não ao seu conjunto, em uma percepção fragmentada como um caos completo, mas que vai ganhando forma, ao contrário de uma visão gestaltista que aborda condições estipuladas e subestima as condições internas de cada um. Através da percepção que a criança será “inserida” no mundo, num corpo “animado” e o brinquedo e a brincadeira em uma brinquedoteca hospitalar são instrumentos da significação existencial da linguagem. O silêncio é ausência da fala falante, mas não da fala gestual, e do qual a criança percebe objetos (brinquedos) diante de si e se posiciona diante deles.

Souza e Rojas (2010) enfatizam no artigo “O brincar uma percepção” que para Merleau-Ponty: “É no campo corporal que a criança cumpre o ato do desenvolvimento, ultrapassando seus primeiros estados, mas conservando o que aprendeu” (p.292). A psicomotricidade precisa ser entendida como um movimento

espontâneo do ser criança no qual o brincar e o brinquedo fazem parte de uma etapa da infância, mesmo que baseados em uma visão social e histórica, e essa visão deve ser abstraída pelo professor em um processo de reflexão donde “ a reflexão passa pelo observar, na pureza original”.(p.299). Sendo assim, cabe a nós práticas pedagógicas fenomenológicas para termos uma consciência de mundo, mundo do qual nos constituímos como seres e a infância faz parte dele.

“A percepção existe sempre no modo do “se”. Ela não é um ato pessoal pelo qual eu mesmo daria um sentido novo à minha vida”. (MERLEAU-PONTY,1999, p.322), é a primeira camada de experiência, de abertura ao mundo em uma reflexão (cogito). Ter uma experiência é “vivê-la, retomá-la, assumi-la, reencontrar seu sentido imanente ” (1999, p. 348). Ainda: “O mundo percebido não é apenas meu mundo, é nele que vejo desenhar-se as condutas de outrem, elas também o visam e ele é o correlativo, não somente de minha consciência, mas ainda de toda consciência que eu possa encontrar.” (1999, p.453).

Quando falo em percepção, não obstante devo falar em projeção de mundo, visto que : “O mundo é separado do sujeito, mas de um sujeito que não é senão projeto do mundo [...], mas de um mundo que ele mesmo projeta” (1999, p.576). Cabe aqui destacarmos a projeção, pois muito se fala em “extensão de corpo; sentir-se através do outro e coisas e tal”, mas é preciso ir além, buscar embasamento teórico para a compreensão de frases fragmentadas da obra “Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty, de 1945”. Eu me vejo através do outro, pois não consigo ver meus olhos, meu rosto, meu campo visual não permite que eu veja minhas costas, posso tocá-la e senti-la, porém não posso vê-la. O corpo é uma estrutura física da espécie humana e tem características distintas que sustenta sua estrutura. Para a criança a percepção pressupõe uma relação entre sua estrutura corporal em sua totalidade entre si e também com o mundo externo ao seu corpo perceptível.

Não é o olho que vê. Tampouco é a alma. É o corpo como totalidade aberta. Conseqüências para as coisas percebidas: correlações de um sujeito carnal, réplicas de seu movimento e de seu sentir, intercaladas em circuito interno, elas são feitas do mesmo material que ele: o sensível é a carne do mundo, isto é, o sentido no exterior (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 280).

Ainda:

Se eu sou capaz de sentir por um tipo de entrelaçamento de meu corpo próprio e do sensível, eu sou capaz também de ver e de reconhecer outros corpos e outros homens. O esquema do corpo próprio, pois eu me vejo, é participável para todos os outros corpos que eu vejo, é um léxico da corporeidade em geral, um sistema de equivalências entre o dentro e o fora, que prescreve para um se aperfeiçoar no outro (MERLEAU-PONTY, 1995, p.380).

Os doentes, as crianças com necessidades educacionais especiais em tratamento ou internação hospitalar, através de seu corpo próprio executam os movimentos concretos que estão habituados, eles tem consciência do seu espaço

corporal e a estimulação através do brincar funciona como um mecanismo diante de si mesmo do qual não pensa o tempo e o espaço, e sim presentifica-o e o abarca.

É por estar encerrado no atual que o tocar patológico precisa de movimentos próprios para localizar os estímulos, e é ainda pela mesma razão que o doente substitui o reconhecimento e a percepção táteis pela decifração laboriosa dos estímulos e pela dedução dos objetos (p.157).

O corpo brinca, e ao brincar a criança através de seu corpo vivido expressa suas emoções, interage com seu semelhante e entrelaça sua existência com seu consciente. Em um movimento fenomenológico o sujeito da experiência nunca é separado do mundo percebido, ao contraio, sujeito e mundo percebido são indissociados de acordo com as estruturas e habilidades corporais de cada um. A criança vive em um corpo fenomênico e indiviso, está no campo social e no seu corpo ao mesmo tempo, elas não representam o mundo, apenas o vivem. Acreditamos que exista uma necessidade de uma nova linguagem que recicle as relações criança-corpo, criança-outro, criança-espaço, criança-tempo, criança-linguagem, criança-cultura. “Voltar às coisas mesmas” e descrever a experiência infantil como ela se apresenta e não como modelos designados a partir de etapas pré-estabelecidas, recusando um conceito inarredável de mentalidade infantil, donde a criança possa ser percebida como um ser-no-mundo, mesmo que na mais tenra idade.

Na minha subjetividade me percebo através da experiência vivida no decorrer do meu processo de mestranda, do qual “resisto” ao sucateamento através de minha escrita, e busco assim, refletir e me posicionar diante dos meus ideais. No caso aqui, ser pesquisadora da linha de pesquisa Educação Especial e Processos Inclusivos, da qual as crianças e adolescentes com necessidades educacionais especiais tenham condições de construir uma subjetividade através de percepções através de corpo vivido em sua totalidade.

REFERÊNCIAS

ACAMPORA, Bianca. **Psicopedagogia hospitalar: diagnóstico e intervenção**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

ANGERAMI, Valdemar Augusto. **E a psicologia entrou no hospital**. – Belo Horizonte : Ed. Artesã, 2017.

BRASIL. **Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados**. Resolução 41/95 Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Brasília. 1995. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/28492-28503-1-PB.htm>. Acesso em: 28 de Julho de 2017.

BRASIL. **LEI 11.104/2005**. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Disponível em: <http://brinquedoteca.net.br/?p=418> . Acesso em: 27 de Agosto de 2017.

CAPES. **Banco de teses**. Disponível em: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses>. Acesso em: 05 de Setembro de 2016.

CUNHA, Nylyse Helena Silva. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. 4 ed. –São Paulo:Aquariana, 2007.

FONSECA, Eneida Simões da. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Memnon, 2003.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa**. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

FRIEDMANN, Adriana [et al] .**O direito de brincar**. -4º ed. - São Paulo: Edições Sociais: Abring, 1998.

GIMENES, Beatriz Piccolo. **Brinquedoteca: Manual em Educação e Saúde**. 1º Ed.-São Paulo: Cortez, 2011.

IBICT. **Banco de Teses**. Disponível em: <http://www.ibict.br/>. Acesso em: 05 de Setembro de 2016.

LINDQUIST, Ivonny. **A criança no hospital: terapia pelo brinquedo**. 1º ed. . São Paulo: Ed. Página Aberta, 1993.

PINEL, Hiran; SANT'ANA, Alex Sandro; COLODETE, Paulo. **Pedagogia Hospitalar numa perspectiva inclusiva: um enfoque fenomenológico existencial**. Terezina, Piauí: Edufpi, 2015.

TRUGILHO, Silvia Moreira, 1964- T866s- **O ser sendo diante da morte: um estudo sobre a experiência de enfrentamento da morte por profissionais de saúde e suas aprendizagens**. Vitória -2008. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/nometese_26_SILVIA%20MOREIRA%20TRUGILHO.pdf . Acesso em: 05 de Setembro de 2016.

VIEGAS, Drauzio. **Brinquedoteca Hospitalar: isto é humanização**. -2ª ed. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2007.

SOBRE O ORGANIZADOR

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: williandouglas@uft.edu.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 62, 65, 66, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 77, 88

Alteridade 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 69, 109, 117, 119, 121, 122, 123, 124, 126, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Amor 27, 30, 32, 45, 55, 92, 111, 117, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131

Astronomia 6, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21

Ateliê Conatus 87

C

Comando 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 119

Cotidianos 42, 47, 48, 51, 53, 57, 60, 97

Crianças 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 98

Currículos 42, 47, 48, 51, 53, 54, 57, 60

D

Descobrimento 22

Didática 20, 22, 56

Discurso De Ódio 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32

E

Educação 13, 17, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 31, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 54, 56, 57, 60, 61, 62, 67, 70, 74, 78, 79, 80, 81, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 95, 151, 153

Errância 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 44, 45, 47, 48, 53, 60

Escrileituras 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94

Esperança 14, 20, 40, 41, 43, 44, 57, 74, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108

Estado 12, 14, 21, 34, 36, 37, 40, 41, 44, 53, 54, 61, 78, 81, 87, 89, 97, 99, 100, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 126, 142, 150

Ética 21, 23, 26, 27, 29, 30, 31, 33, 50, 51, 92, 94, 95, 96, 106, 108, 109, 110, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 123, 125, 126, 130, 131, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Ético 30, 49, 109, 110, 115, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 131, 137, 138, 139, 140

Existência Humana 11, 13, 17, 18, 79, 123

Experiência 16, 24, 28, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 50, 51, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 68, 71, 72, 73, 74, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 89, 93, 98, 132, 133, 136, 139, 140, 147, 148, 149, 151

F

Favela 96, 98

Fenomenologia 83, 84, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Filosofia 6, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 74, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 102, 106, 109, 117, 119, 121, 122, 123, 124, 127, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 144, 150

Filosofia Com Crianças 34, 37, 39

I

Indústria Cultural 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 152

Infância 34, 35, 36, 37, 38, 39, 43, 44, 45, 46, 53, 60, 80, 84

Infinito 32, 106, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 130, 135, 137, 138, 139, 140

Interdisciplinaridade 6, 11, 14, 17, 20

J

Justiça 81, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129

L

Lévinas 24, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 130, 140

liberdade 18, 34, 40, 42, 44, 59, 68, 72, 92, 94, 101, 111, 112, 113, 117, 118, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 135, 150

Liberdade 44, 57, 108, 130

M

Medo 18, 24, 27, 28, 29, 31, 32, 56, 60, 65, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 146

N

Novas Mídias 142, 143, 149

O

ONG 7, 96, 98, 99, 100, 105, 106, 107, 108

P

Poesia 57, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

Política 13, 24, 28, 30, 98, 102, 114, 118, 142, 146, 150, 151

S

Subjetividade 25, 28, 29, 49, 61, 82, 83, 85, 96, 113, 114, 116, 117, 119, 121, 122,

123, 124, 125, 130

T

Transcendência 110, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 135, 140

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-683-6

